

II CONGRESSO INTERNACIONAL LÍNGUAS, CULTURAS E LITERATURAS EM DIÁLOGO: IDENTIDADES SILENCIADAS

16 a 18 de agosto de 2018 - Universidade de Brasília - DF
Campus Universitário Darcy Ribeiro - Asa Norte - Brasília – Brasil

SIMPÓSIO 9 - Poesia e desenraizamento: exílio, resistência e pós-utopia

Profa. Dra. Diana Junkes (UFSCar)

e-mail: dijunkes@gmail.com

Prof. Dr. Fabio Weintraub (UFSCar)

e-mail: fabioweintraub@gmail.com

RESUMOS QUE COMPÕEM O SIMPÓSIO [em ordem de apresentação]

SESSÃO 1

La frontera quebrada: Algunas consideraciones en torno a *Mapurbe venganza a raíz* (2005) del poeta mapuche David Aníñir

Jesús Montoya (UFSCar/ CAPES-DS)

El libro *Mapurbe venganza a raíz* (Odiokracia Autoediciones, 2005) del poeta mapuche David Aníñir, marca una irrupción en la poética mapuche actual. Esta obra ejecuta un proceso de mixtura en sus textos a partir de un lenguaje heterogéneo, compuesto por palabras pertenecientes a la lengua mapudungun, al español chileno actual e incluso al inglés. La identidad *originaria* del sujeto queda desalojada por la hegemonía territorial y las políticas neoliberales de la metrópoli del siglo XXI, en este caso Santiago. La pluralidad étnica y lingüística de los textos corresponde al caos urbano; a la comunión de una movilidad impuesta y a la fuerza de un margen geográfico marginal tras el que cientos de universos convergen. Este trabajo pretende indagar en cómo los grandes núcleos de sentido de la poesía indígena mutan y se resemantizan en la poética de Aníñir (el rumor de la oralidad; la flora y las zonas de convergencia de la tradición discursiva ancestral) integrándose al espacio urbano y a una lengua quebrada que constituye una entidad fronteriza, un libro de mixtura donde el desplazamiento del sujeto es sometido a una cultura del aniquilamiento, propia del sistema occidental.

Palavras-chave: Poesia mapuche; literatura de fronteira, Mapurbe, século XXI; David Aníñir.

Ahora que todo lleva tu nombre: afecto, tensiones y distenciones en la poesía venezolana post Chávez, 2013-2017.

Pedro Varguillas (Northwestern University)

Después de más de diez años de revolución una primera generación de poetas que han escrito su obra en coincidencia temporal con la conmoción social de Venezuela ha escrito lo que es vivir en un proceso radical de reestructuración social. Los libros *El lejano Oeste* (2013) de Alejandro Castro (Caracas, 1986), *Quieto* (2014) de Víctor Manuel Pinto (Valencia, 1984) y *Hay un sitio detrás de los incendios* (2017) de Jesús Montoya (San Cristóbal, 1993) constituyen un registro de voces que dan cuenta de

diversos generxs, ideologías, geografías y formas de hacer presencia en el mundo. Esta ponencia se pregunta por la creación de afectos comunes que trazan las poéticas de estos libros desde el poema “Canto a Bolívar” de Castro que se inicia con el verso “Ahora que todo lleva tu nombre” haciendo referencia a la polisaturación del uso del sustantivo Bolívar, pasando por el consumo de drogas y el vagabundaje en los poemas “Piedra” y “Fuego” de Pinto, hasta la experiencia fronteriza migratoria en el poema “Rotaria” de Montoya. El panorama que crean estas voces mapea una generación que se reinventa ante el desgaste de los discursos ideológicos para crear desde la práctica de la experiencia una afectividad postrevolucionaria a través de la cual la utopía cae por el peso de la mercantilización de la vida.

Palavras-chave: Poesia venezuelana contemporânea; pós-chavismo; ideologia; Alejandro Castro; Víctor Manuel Pinto; Jesús Montoya.

Poesia brasileira e ditadura: exílio e desenraizamento em Ricardo Domeneck e Eduardo Sterzi

Pádua Fernandes (Pós-doutorando em Teoria Literária (IEL/Unicamp); coordenador do GT de Justiça de Transição do IPDMS).

A comunicação trata dos temas do exílio e do desenraizamento provocados pela última ditadura militar no Brasil (1964-1985). Durante esse regime autoritário, uma importante literatura de resistência política foi produzida; no entanto, após a democratização do país, esses temas tornaram-se mais raros. Somente nos últimos dez anos eles voltaram a ganhar importância, desta vez tratando das continuidades do passado recente e de questões não resolvidas pela democracia de hoje, como a impunidade de torturadores e o paradeiro dos desaparecidos políticos. A comunicação aborda essa matéria em poemas dos autores brasileiros contemporâneos Ricardo Domeneck, do livro *Medir com as próprias mãos a febre* (2015) e Eduardo Sterzi, da obra *O aleijão* (2009). A análise enquadra-se no campo da literatura e justiça de transição, com o objetivo de estudar o cruzamento entre invenção literária e memória social, de acordo com a concepção de Maurice Halbwachs, no tocante ao funesto legado dos crimes contra a humanidade praticados pelo Estado brasileiro.

Palavras-chave: Poesia e política; Literatura e Justiça de Transição; Poesia brasileira contemporânea; Eduardo Sterzi; Ricardo Domeneck.

Razão insone: o estranhamento na poesia de Charles Simic

Ricardo Rizzo (mestre em Ciência Política e doutor em História Social pela USP)

Charles Simic (Belgrado, 1938), poeta sérvio radicado nos EUA, é um dos poetas de trajetória mais consolidada e reconhecida na poesia norte-americana contemporânea. O estranhamento é categoria central de sua poética, dificilmente desvinculável da forma como termina por refletir sobre a experiência biográfica do poeta: o deslocamento que o levou da antiga Iugoslávia aos EUA após a infância passada em meio aos bombardeios dos aliados na Segunda Guerra. A tensão entre memória individual e história, as incursões surrealistas nos reinos da religião, do controle social, das instituições totais e da desagregação da experiência no capitalismo avançado fazem emergir a materialidade desse estranhamento. Ele se dá pela instalação do sujeito e do desejo no centro de um estado – a insônia – que metaboliza o desenraizamento como

condição de uma lucidez, por vezes irônica, sem apaziguamento, a partir da qual o mundo e a experiência são postos sob permanente suspeita. A galeria de imagens insones e personagens irreais de Simic constitui um intenso programa crítico, convertendo o desenraizamento em modo de investigação e questionamento do presente, sem repouso; afinal, "meu anjo da guarda tem medo do escuro". Partindo da identificação de alguns núcleos irradiadores dessa razão insone (a loucura, a solidão, os asilos, os salões noturnos, os pobres diabos urbanos), pretende-se apresentar a poética de Simic e inquirir sobre os temas e recursos que ela justapõe à experiência do desenraizamento contemporâneo.

Palavras-chave: Poesia anglófona contemporânea; migração; representações de guerra; desenraizamento; insônia; Charles Simic.

Distopia e resíduo em Douglas Diegues

Wilson Alves-Bezerra (UFSCar)

Existe a possibilidade de vanguarda no Brasil contemporâneo? A partir desta pergunta, e tomando a reflexão proposta por Campos (1997) sobre pós-utopia, interessa-nos discutir o suposto caráter vanguardista do poeta contemporâneo Douglas Diegues, sobretudo seu livro *Todo lo que você non sabe es mucho más que tudo lo que você sabe* (2015). Tem-se discutido a obra de Diegues em termo de vanguarda (Avila, 2012 e Santos & Zanelato, 2016). O portunhol empregado pelo poeta em seus poemas e entrevistas pode ser aproximado à panlúngua do argentino Xul Solar ou a outros experimentos de linguagem como o das Galáxias, de Haroldo de Campos, do Mar Paraguayo, de Wilson Bueno, no nível linguístico. Entretanto, cabe a pergunta sobre a existência ou não de um programa utópico sustentando a obra do poeta. A vinculação entre linguagem, vanguarda e utopia, trabalhada por Paz (1972), Bürguer (1984) e Sarlo (1992) será ponto de partida a esta reflexão. Interessa-nos mostrar, especificamente, como funcionam, na obra de Diegues a relação com o território, o passado histórico e a tradição.

Palavras-chave: Portunhol; utopia; vanguarda; Douglas Diegues.

SESSÃO 2

Desenraizamento e melancolia: gestos pós-utópicos em *Treme ainda*, de Fabio Weintraub e *Tróiares: remix para o próximo milênio*, de Guilherme Gontijo Flores
Diana Junkes (UFSCar/CNpq)

A poesia da modernidade, pelo menos a partir de Baudelaire, pode ser caracterizada pelo deslocamento do sujeito lírico, pelo seu desenraizamento, revelados na materialidade do poema por categorias negativas, como bem aponta Hugo Friedrich, em *Estrutura da lírica moderna*. Embora tais aspectos não sejam os únicos a definir tal poesia, são significativos em boa parte da produção poética que se desdobra, historicamente, até os dias atuais, acentuando-se, na contemporaneidade, pelo componente pós-utópico, tal como o define Haroldo de Campos, responsável pela mobilização de uma poética da *agoridade*, que articula, no tempo presente, as ruínas do passado, tomando-o como história aberta pronta a novos relatos, e a crítica de um futuro utópico e inalcançável. A imagem que melhor representa a poética pós-utópica é a do *Angelus Novus*, de Paul Klee, de 1920, abordada por Walter Benjamin na 9ª Tese

sobre o Conceito de História, em que o anjo, situado no “agora” observa o passado e dá as costas ao futuro. Parece-me que é este gesto pós-utópico, marcado pela herança da modernidade, que encontramos em *Treme ainda*, de Weintraub e *Tróíades: remix para o próximo milênio*, de Flores a partir do olhar, supostamente distanciado do sujeito poético dos poemas, que reflete o olhar do anjo de Paul Klee. Esse olhar é um expediente poético de “alta tensão”, pois se de um lado forja o distanciamento do eu, sob a mesma perspectiva revela um eu atormentado e melancólico diante do adensado agora que seus olhos fotografam. Nesta comunicação pretendo discutir a construção do olhar como gesto pós-utópico que sublinha desenraizamento e deslocamento, do eu, do mundo, dos outros em ambas as obras.

Palavras-chave: Poesia brasileira contemporânea; pós-utopia; poética da agoridade; Fabio Weintraub; Guilherme Gontijo Flores.

O poema pós-utópico por meio da antropofagia: algumas considerações sobre a figura do poeta latino-americano

Jorgelina Rivera (UNESP/CNPq)

Objetiva-se relacionar os ensaios haroldianos “Poesia e modernidade: da morte da arte à constelação. O poema pós-utópico” (1997) e “Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira” (1980) para situar e ilustrar a poética sincrônica de Haroldo de Campos. Para isso, se fará presente a figura de Octavio Paz, um dos poetas-chave na relação de Haroldo com a literatura hispano-americana e que também escolherá arquitetar o seu projeto poético utilizando o critério sincrônico na revisão da história da literatura. Após o cruzamento de ambos os ensaios, serão estabelecidas algumas caracterizações da etapa final de escritura de Campos: a pós-utopia, que avança as ideias concretistas da relação do local com o universal e que vê no procedimento da tradução um modo de render homenagem aos precursores.

Palavras-chave: Literatura latino-americana; antropofagia oswaldiana; pós-utopia; Octavio Paz; Haroldo de Campos.

Plurivozeamento e limiar escatológico em *O caos antibiótico*, de Pio Vargas

Miguel d’Abadia Ramos Jubé Júnior (UFG-PG/CAPES/REDE)

Tão breve quanto explosiva, a poética de Pio Vargas testemunha um forte processo de desenraizamento, marcado pela mudança do autor de uma cidade do interior para a capital estadual, Goiânia. Uma das maneiras de reagir a tal processo é a estratégia de plurivozeamento adotada por Pio Vargas. A presente comunicação busca mostrar como a quinta parte do livro *Anatomia do gesto*, “O caos antibiótico”, sistematiza o plurivozeamento poético como síntese de um vazio percebido em outras poéticas contemporâneas. Nos versos de “O caos antibiótico”, o recurso formal às múltiplas vozes articula-se com a temática escatológica de modo contraditório e fecundo. Para melhor compreender teoricamente tal articulação, serão utilizadas contribuições de Nasr Chaul sobre a história de Goiânia e de Goiás; bem como considerações críticas de Walter Benjamin, Theodor Adorno, Peter Bürger Antonio Candido e Haroldo de Campos sobre as relações entre modernidade, vanguarda e pós-utopia.

Palavras-chave: Poesia brasileira contemporânea; produções periféricas e pós-utopia; plurivozeamento; escatologia, Pio Vargas.

Uma reflexão pós-utópica em *A máquina do mundo repensada*, de Haroldo de Campos

Monalisa Medrado Bomfim (UFSCar/CAPES-DS)

A produção poética de Haroldo de Campos (1929-2003) pode ser interpretada a partir de dois vieses: concretismo e pós-utopia. O estudo da fronteira entre estes momentos literários é tênue, fazendo com que cada obra mereça atenção e interpretação específicas. A presente comunicação dedica-se a explorar o poema *A máquina do mundo repensada* (2000), sob a perspectiva do desenraizamento do sujeito poético que, ao percorrer a tradição, os textos da física e das ciências, a história e os textos bíblicos pergunta-se sobre seu próprio lugar no mundo. A sensação de “desencaixe” ou de deslocamento será aqui abordada a partir do exame de fragmentos do Canto III, momento do poema que, pela ênfase dada ao diálogo com os textos bíblicos acentua-se o caráter existencial do poema, em meio a imagens do passado. Essa retomada de imagens de passado pelo eu-poético pode ser entendida, conforme discute Walter Benjamin em *Teses sobre o Conceito de História* (1940), como uma rememoração do passado, essencial para o desenvolvimento da visão crítica que permite a construção consciente do presente. Diante disto, o movimento de questionamento da tradição no Canto III, em *AMMR*, pode ser entendido como o mecanismo pelo qual o eu-poético compreende a sua própria identidade, configurando meios para lidar ou perguntar-se sobre o seu próprio desenraizamento.

Palavras chave: Pós-utopia; desenraizamento; Haroldo de Campos.

Figurações pós-utópicas na canção “Capão Pecado”, de Ferréz

Valentina Figuera Martínez (UFSCar/CAPES)

Este trabalho analisa, sob perspectiva poética, em que sobressaem a riqueza de figuras de linguagem e a oralidade, tal qual as estabelece Paul Zumthor (2010), a canção “Capão Pecado”, incluída no disco *Determinação* (2003) do músico e escritor Ferréz, desde uma perspectiva literária amparada na leitura que Haroldo de Campos realiza das “Teses sobre o Conceito da História”, de Walter Benjamin (1987), bem como em outros aspectos do pensamento benjaminiano, discutidos por Michael Löwy em *Aviso de Incêndio* (2005). Pretende-se discutir como a poética de Ferréz, vinculada à literatura marginal, possibilita uma reconstrução sincrônica de relatos que potencialmente, segundo nossa leitura, pode abrir possibilidades de transformação da realidade enfrentada pelos habitantes da periferia paulistana. A letra e a melodia da canção articulam os vestígios das ruínas e a *agoridade*, mobilizando também, como expediente, a abertura crítica da história da periferia, ou melhor dizendo, de uma história periférica, pois expõe uma fala coletiva em que é sublinhada a crítica perante a discriminação, a exclusão e o preconceito racial, em um contexto pós-utópico. O sujeito poético da canção apresenta-se desafiando a ordem estabelecida, seja a do passado ou do presente, uma vez que é sobre a noção de desenraizamento, que coloca os sujeitos à margem de uma participação real e ativa na coletividade, conforme estabelece Simone Weil (1996), que se fala e é a partir do ponto de vista desse sujeito enunciator que nossa análise será desenvolvida.

Palavras-chave: Walter Benjamin; Literatura marginal; Ferréz; canção; poesia.

SESSÃO 3

Enraizamento, representatividade e resistência nas mitopoéticas de *Poemas para ler com palmas*, de Edimilson de Almeida Pereira

Cristiane Fernandes Tavares – Mestre em Crítica Literária (PUC-SP)

Luciana Gomes – Pedagoga (Instituto Singularidades –SP) e pós-graduanda (ISE-SP)

Os textos que compõem o livro *Poemas para ler com palmas*, de Edimilson de Almeida Pereira, lançado em 2017 pela Mazza Edições (BH), conservam raízes das culturas afro-diaspóricas inscritas em cinco mitopoéticas: a capoeira, o congado, o jongo, os orixás e os vissungos. A ancestralidade assume, nos textos, formas distintas, sincrônicas e atemporais. Temas recorrentes nos ensaios acadêmicos do autor e antropólogo, como a defesa de um cânone literário afro-brasileiro, reaparecem nos poemas, confirmando uma coerência ética e estética que tem o enraizamento, a representatividade e a resistência como palavras-chave. O objetivo principal das autoras é compartilhar as reflexões realizadas acerca dos conceitos de enraizamento, representatividade e resistência nos textos de *Poemas para ler com palmas*, tanto do ponto de vista da crítica literária quanto da mediação e recepção da leitura, tendo como principais referências teóricas Ecléa Bosi, Walter Benjamin e Eduardo de Assis Duarte.

Palavras-chave: Enraizamento; representatividade; resistência; culturas afro-diaspóricas; mitopoéticas.

A casa físsil: o corpo migrante e os paradoxos da hospitalidade na poesia de Eduardo Jorge

Fabio Weintraub (UFSCar)

Se a experiência do enraizamento está intimamente ligada à constelação do espaço doméstico como salvaguarda para a intimidade em meio ao intercâmbio com o mundo e os outros, ligada ao direito de “sentir-se em casa” em determinados espaços e momentos, de modo regular e previsível; se a casa é o centro geográfico a partir do qual os caminhos se abrem e a cidade se oferece, frequentemente a vivência do migrante altera a percepção desse “sentir-se em casa” e enfraquece sua oposição aos espaços públicos, abertos, compartilhados. Vivendo em regime temporário, mudando de endereço, dominando de modo precário a cidade e seus códigos, o migrante sente muitas vezes a casa se reduzir à dimensão da roupa (forma mais elementar de abrigo) e do corpo, transformando-se em casca, espaço físsil, fóssil, elástico, pouso precário em meio à rota de fuga, ao caos de línguas e regras em terra estranha. A presente comunicação pretende inventariar as vicissitudes do conceito de casa na poética migrante de Eduardo Jorge, tomando por base seus três últimos trabalhos: *A casa elástica* (2015), *Como se fosse a casa: uma correspondência* (2017, livro em parceria com Ana Martins Marques) e excertos publicados do ainda inédito *Teoria do hotel*. A leitura dos poemas se vale, entre outras coisas, de das noções de enraizamento (Simone Weil) e hospitalidade (Jacques Derrida).

Palavras-chave: Poesia brasileira contemporânea; migração; poética do desabrigo; Eduardo Jorge.

Drummond e a reflexão sobre a poesia social

Heitor Ferraz Mello (Faculdade Cásper Líbero)

Nesta comunicação, pretendo tratar de um pequeno conjunto de artigos de Carlos Drummond de Andrade sobre a relação entre poesia e sociedade, que venho pesquisando no Centro Interdisciplinar de Pesquisa da Faculdade Cásper Líbero. Publicados na *Folha Carioca* e em *O Jornal*, em 1944, Drummond procurava definir nesses textos o que é poesia social, a quem se dirige, e de que forma ela poderia “conciliar indivíduo e massa, exprimindo aquela através desta, e representando artisticamente os movimentos coletivos de inquietação e reivindicação, principalmente se levarmos em conta que essa produção literária, no caso brasileiro, “é feita por intelectuais da chamada classe média”, como ele diz. O assunto já estava no seu horizonte desde 1930, quando escreveu os poemas de *Sentimento do mundo*, que seria considerado um marco na poesia de participação no país, e iria encontrar expressão mais forte em *A rosa do povo*, de 1945. Os artigos, publicados apenas em jornais, e que até hoje permanecem inéditos em livro, ajudam a refletir não apenas sobre a poesia de Drummond no período, mas sobre a própria prática da poesia social no Brasil, em que as classes populares sempre estiveram à margem do chamado “sistema literário”.

Palavras-chave: Poesia brasileira moderna; poesia social; anos 1940, Carlos Drummond de Andrade.

Impactos de deslocamento compulsório: recordações (poéticas) de um menino

Maria de Fátima Rocha Medina, Doutora, CEULP-TO

Maria Aparecida da Rocha Medina, Mestre, CEULP-TO

Há dezessete anos deslocados de forma compulsória para dar lugar à usina hidrelétrica Luís Eduardo Magalhães, em Tocantins, os moradores recordam do lugar de origem em oposição ao reassentamento Flor da Serra para onde foram levados. Neste trabalho qualitativo de literatura oral, que é parte de um projeto em andamento, abordamos as recordações de um informante acerca da familiaridade das crianças com o ambiente rural, como também as estratégias de resistência infantil, sobretudo, em relação às máquinas que, impassíveis, expulsaram as famílias do lugar onde viveram durante décadas. O objetivo é compreender o funcionamento do caráter individual e coletivo da memória (Bakhtin, Benjamin, Assmann) a partir das manifestações orais como ato responsivo do reassentado acerca dos impactos que o desenraizamento provocou no garoto de outrora / jovem atual. Metodologicamente, utilizamos entrevistas semiestruturadas para registrar as narrativas. Recordações de feitos coletivos foram reveladas na singularidade do sujeito, com prazer e pulsões que sensibilizaram os ouvintes e, segundo Zumthor (2014), são esses os principais aspectos do caráter poético de um texto. As narrativas manifestam vozes excluídas de espaços legítimos, inclusive de relatórios das grandes empresas como a Investico que, em nome do progresso econômico capitalista, fragmentam coletividades, interrompem sonhos e desarticulam tradições. Isso demonstra que há urgência de atos responsáveis de pessoas, como o jovem informante, que se propõem a tornar viva a memória coletiva dos antepassados, no presente, a fim de transformar o futuro.

Palavras-chave: Deslocamento compulsório; memória individual e coletiva; terra de origem.

Poesia e resistência em Ademir Assunção: uma leitura pelo viés do grotesco

Suzel Domini dos SANTOS

(Pós-doutoranda PUC-SP/CAPES)

A poesia de Ademir Assunção se ancora numa consciência crítica que relê criativamente a tradição moderna e, ao mesmo tempo, arquiteta uma linguagem singular, em conformidade com os apelos do contemporâneo. Dentre as características que o poeta recupera da modernidade, notamos uma imagética da obscuridade, sobretudo marcada pelo grotesco. Considerando, especificamente, *A voz do ventríloquo* (2012), observamos um universo poético figurativamente denso e *nonsense*, que expõe as mazelas de uma realidade urbana truculenta, e que ironiza as idiosincrasias de uma sociedade embasada na lógica do consumo descomedido e do entretenimento banal. Esse aspecto da literatura de Assunção destaca-se como força motriz de um projeto estético que busca a arquitetura de uma linguagem hermética feita de pedaços, um tecido poético feito da costura de fragmentos descontínuos cuja harmonia está na composição desarmoniosa. O grotesco promove um desarranjo violento da ordem, invertendo a polaridade das categorias, de maneira que é mobilizado pela arte justamente para desestabilizar, denunciar ou questionar aquilo que é tomado como estável, absoluto e permanente. Ao reafirmá-lo como recurso criativo, Assunção compõe uma verdade estética que coloca em xeque as normas correntes, que diverge de um entendimento passivo do mundo, contrapondo-se à ordem da linguagem habitual e, ainda, do contexto histórico em que se insere. Dito de outra maneira, o poeta mobiliza a categoria do grotesco a partir de um posicionamento crítico não apenas estético, mas também ético e político, uma vez que o recurso em questão acaba por se manifestar como estratégia de articulação da resistência dentro de um contexto que Haroldo de Campos nominou “pós-utópico”. Por meio das imagens grotescas, Assunção busca descortinar a falibilidade do real convencional, metaforizando-o como “um muro de vidro”, e não hesita em estilhaçar esse muro, rompê-lo em infinitos fragmentos que servirão à recomposição poética das coisas. Ao passo que desvela a fragilidade da noção convencional do real, Assunção constrói uma realidade poética viva e pulsante, uma vez que se impõe como verdade estética, para além da aparência imediata, uma forma que resiste à ordem dominante, contestando as conformações do desenraizamento, por abraçar tudo aquilo que é recalcado ou marginalizado pela sociedade.

Palavras-chave: Poesia brasileira contemporânea; grotesco; resistência; Ademir Assunção.